

HOJE, É DIA DE FEIRA: SOCIABILIDADES, PADRÕES DE CONSUMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA FEIRA-LIVRE DE BARREIROS**TODAY, IS FAIR DAY: SOCIABILITIES, PATTERNS OF CONSUMPTION AND ENVIRONMENTAL EDUCATION IN A STREET MARKET OF BARREIROS****BASTOS, Ricardo Carneiro**

Instituto Federal de Pernambuco; ricardobastos@ipojuca.ifpe.edu.br

AMARAL, Deborah Silva do

Instituto Federal de Pernambuco; deborah.amaral@barreiros.ifpe.edu.br

SILVA, Emerson Silvestre Lima da

Instituto Federal de Pernambuco; emesilvestre@recife.ifpe.edu.br

SILVA, Núbia Michella Clementino da

Instituto Federal de Pernambuco; nubiamichella@barreiros.ifpe.edu.br

Resumo

Este trabalho interdisciplinar teve o objetivo de caracterizar a feira livre central em Barreiros a partir da sociabilidade, linguagem, avaliação das condições higiênico-sanitárias e à educação ambiental. Unimos olhares da sociologia, da linguística, da segurança de alimentos e educação ambiental como subsídios teóricos para a interpretação das diferentes dimensões encontradas. A pesquisa teve abordagem qualitativa, do tipo descritiva e participante. Para coleta de dados, fez-se uso de: observação participante; registro audiovisual; entrevistas-semiestruturadas e aplicação de questionários. Constatamos que ser feirante livre não está relacionado a um projeto pessoal, mas, por vezes, a fatores hereditários ou necessidade financeira. As relações de sociabilidades são fortes entre os mais antigos, resultando em confiança e vínculos afetivos de amizade e apoio. Os feirantes usam uma linguagem performática específica para ocupar, vender e se comunicar dentro do espaço destinado pela prefeitura. A comercialização e manuseio dos alimentos, quanto à educação ambiental, são precários considerando os fatores higiênico-sanitários. A implantação de ações que proporcionem melhorias em relação a manipulação dos alimentos, bem como saúde, ao conforto nas condições de trabalho e a educação ambiental são necessários.

Palavras-chave: Feira livre. Sociabilidades. Linguagens. Segurança de Alimentos. Educação ambiental.

Abstract

This interdisciplinary work had the objective of characterizing the central street market in Barreiros according to the sociability, language, evaluation of hygienic-sanitary conditions and environmental education. We join together the views of sociology, of linguistics, food safety and environmental education as theoretical subsidies for the interpretation of the different dimensions found. The research had a qualitative, descriptive and participatory approach. For data collection, we used: participant observation; audiovisual record; semi structured interviews and questionnaires. We find that being a free marketer is not related to a personal project, but sometimes to hereditary factors or financial need.

The relationships of sociabilities are strong among the oldest, resulting in trust and affective bonds of friendship and support. The marketers use a specific and performatic language to occupy, sell and communicate within the space designated by the city hall. The commercialization and handling of food, regarding environmental education, are precarious considering the hygienic-sanitary factors. The implementation of actions that provide improvements in relation to food handling as well as health, comfort in working conditions and environmental education are necessary.

Keywords: Barreiros. Street market. Sociabilities. Languages. Food safety. Environmental education.

1 Introdução

Esta pesquisa interdisciplinar de extensão teve como objetivo caracterizar a feira livre central da cidade de Barreiros como espaço de múltiplas dimensões dotado de sentidos e significados culturais e econômicos importantes para a cidade.

Localizado em uma região de forte atividade canavieira, devido ao clima e solo favoráveis, Barreiros sofreu interferência em seu processo de formação do modelo instituído pelo sistema da agroindústria canavieira e pelas atividades agrícolas, por isso o município é bastante identificado como vocacionado à agricultura (BARBOSA, 2014). Desse modo, entendendo a integração dos Institutos Federais ao território a qual está inserido, ou seja, aos arranjos produtivos, sociais e culturais (Lei nº 11.892/2008, Art.6ª), não é por acaso que o IFPE-*campus* Barreiros nasce vinculado e associado às áreas de Agropecuária e Agroecologia. E como parte do seu compromisso educacional, as atividades de extensão devem incorporar os problemas que a realidade envolvente apresenta. Assim, considerando também, à discussão mundial sobre consciência cidadã e sustentabilidade, tornou-se necessário produzir conhecimento sobre a cidade a partir desse espaço público de compra e venda de alimentos naturais, e de suas relações de produção e consumo engendradas.

A cidade de Barreiros possui mais de três feiras livres, sendo a de maior fluxo de pessoas e mercadorias a localizada no entorno do mercado público, percorrendo uma das vias principais de comércio da cidade. A falta de estudos sobre a feira livre, e os problemas previamente visualizados devido ao uso desordenado do espaço e precárias condições higiênico-sanitárias, assim como sua importância econômica mostraram-se imprescindíveis à investigação e articulação pedagógica por meio da extensão.

Portanto, a feira livre central foi observada enquanto um organismo complexo, constituinte da vida cotidiana da cidade e de extrema importância para seus

moradores. O trabalho interdisciplinar procurou, além de interpretar sociabilidades produzidas entre feirantes, fregueses e o espaço público, captar elementos associados às práticas de manuseio de alimentos e a educação ambiental presentes. Para tanto, unimos diferentes olhares como o da sociologia; da linguística; da segurança de alimentos e educação ambiental como subsídios teóricos capazes de auxiliar na interpretação dessas diferentes dimensões produzidas nesse espaço.

2 Fundamentação Teórica

Situada dentro da região canavieira, a cidade de Barreiros tem sua formação atrelada ao modelo e à dinâmica produzida ao longo dos anos pela agroindústria açucareira. Essa interferência é visível nas estruturas físicas, nos padrões construtivos e nas relações comerciais, o que inclui também o desenvolvimento do mercado e das feiras livres. O município faz parte da Zona da Mata Sul de Pernambuco¹, fica a 102 km² da capital pernambucana, Recife, e estende-se por uma área de 233,4km², com uma população de 40.720 habitantes. (IBGE/2010).

De acordo com Barbosa (2014), a maior de suas usinas, a Usina Central de Barreiros – UCB –, ficava na zona urbana da cidade e interferia diretamente na dinâmica urbana e nas atividades comerciais e quando faliu, em 1997, deixou cerca de 5.000 trabalhadores sem empregos. Segundo moradores, com a falência da UCB, parte dos trabalhadores da cana, desempregados, ocuparam as regiões mais altas da cidade e passaram a desenvolver a agricultura, levando o excedente de sua produção para ser vendido na feira livre central, ao lado do Mercado Público.

O mercado localiza-se na praça Barão de Gindaí, segundo Barbosa (2014, p.92 *apud* CARVALHO, 2009):

A origem desta praça deve-se à antiga importância do transporte fluvial, estando ligada ao cais do Porto do Una, local que servia de embarque e desembarque de mercadorias, destacando-se o açúcar, e de pessoas até o porto de Gravatá onde seguia por via marítima para o Recife e outros destinos (CARVALHO, 2009). A partir de 1970 foi retificado o cais do Rio Una com a construção de muro de arrimo e pavimentação do pátio. Posteriormente deu-se a ocupação da margem do rio e em 1980 a construção de “boxes”

¹ A região é formada por 24 municípios: Água Preta, Amaraji, Barreiros, Belém de Maria, Catende, Chã Grande, Cortês, Escada, Gameleira, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Maraiá, Palmares, Pombos, Primavera, Quipapá, Ribeirão, Rio Formoso, São Benedito do Sul, São José da Coroa Grande, Sirinhaém, Tamandaré, Vitória de Santo Antão e Xexéu.

(pequenas lojas) que conseqüentemente extinguiu o porto já decadente (IBID).

A feira livre central desenvolveu-se no entorno do Mercado Público cujo primeiro prédio foi construído em 1871, e cem anos depois foi substituído pelo atual. A feira central tem sua data de formação associada ao desenvolvimento das atividades do prédio, ou seja, possivelmente no ano de 1929.

Uma vez que ser morador de uma cidade está relacionado a produzir e ser portador tanto de memórias e identidades como de histórias, é na confluência desses elementos que o espaço se constitui como um lugar específico para quem o habita. Segundo Certeau (1996), a cidade é escrita por seus habitantes nos trajetos realizados, nas marcas que imprimem nas ruas, a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos dos espaços públicos” que as práticas engendram.

Dessa forma, o espaço público de uma feira livre pode ser extremamente repleto de sentidos e significados para o entendimento da sociedade. Segundo Viviane Vedana (2004, p.11), ao “fazer a feira” nos espaços públicos “inúmeros elementos simbólicos são acionados”, como por exemplo: “a relação de confiança com o feirante, as formas de sociabilidades, até uma ideia de “pureza dos alimentos que está sendo adquirido, em função da possibilidade de tocá-lo, escolhê-lo, experimentá-lo com todos os sentidos”.

A feira livre mostra-se, portanto, como um ambiente plural e intenso, onde não é difícil constatar as inúmeras variáveis que podem ser problematizadas a partir dela, como por exemplo: quais as motivações que levam as pessoas a comercializar na rua? Quem são os feirantes e os fregueses? Qual a origem dos alimentos? Como é realizado o manuseio? Como os feirantes lidam com resíduos? O que entendem sobre educação ambiental? Que tipo de estratégias linguísticas as pessoas utilizam para a venda ou compra?

Como lugar de intensa sociabilidade, na feira livre tanto feirantes como fregueses usam performances específicas para o agir, para o habitar e para produzir o território. Há, portanto, uma linguagem que é materializada em meio as narrativas e performances desenvolvidas. Nesse caso, entendemos a linguagem como fonte de pesquisa histórica, associada à ideia de sistemas de signos verbais e não verbais sugerida pela semiótica (PIGNATARI, 2004). Com isso, percebemos que na construção de uma feira existem várias narrativas a serem observadas.

Nesse diálogo entre sistemas de signos verbais e não verbais, a sociolinguística pode nos auxiliar no entendimento das variações da língua das quais os feirantes fazem uso. Quando falamos em variação linguística, deixamos de lado a noção valorativa do uso da norma padrão e evitamos o preconceito linguístico que subjaz ao fenômeno da fala, isto é, quando temos consciência de que a língua é um organismo vivo e que os seus usuários criam normas de comunicação diferentes daquelas impostas pela gramática normativa, entendemos que nada, na língua, é por acaso e que, portanto, temos muito o que aprender sobre comunicação quando nos debruçamos na análise do discurso dos feirantes.

Por sua vez, também há estratégias nas formas como os alimentos são comercializados. Há uma preferência do consumidor pela feira livre devido à crença de que os alimentos são sempre frescos e de qualidade superior. Entretanto, os alimentos estão expostos a várias situações que propiciam a sua contaminação, as quais podem ocorrer através da manipulação inadequada, exposição do alimento ao meio ambiente para venda, bem como o seu acondicionamento e armazenamento em condições inapropriadas (SILVA; MELO; LEMOS, 2016).

Considerando a relevância da feira para o fornecimento de alimentos à população barreirense, vimos como era importante a avaliação das condições de venda para a garantia da qualidade dos produtos e saúde do consumidor, bem como alinhamos um olhar da educação ambiental nessa análise. Em virtude do agravamento dos problemas ambientais mundiais, a educação ambiental vem sendo apontada como uma possibilidade de mitigação ou de prevenção dos impactos ambientais locais e globais. Assim, entende-se por educação ambiental os processos por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas a conservação do meio ambiente, a sustentabilidade dos recursos naturais e à boa qualidade de vida.

Segundo Cascino (2000, p.52), na educação ambiental “*parte-se diretamente para a prática, considerando conceitos, objetivos e até mesmo metodologias como algo dado*”. Ou seja, utiliza-se o senso comum e consagrado como base de projetos na área. Nesse sentido o ambiente da feira-livre de Barreiros é um espaço onde as relações entre a produção e o consumo refletem práticas ambientais sustentáveis ou não. Cotidianamente as pessoas ao desenvolverem relações sociais, ao usarem a linguagem, ao consumirem alimentos, ao agirem dentro de seu meio ambiente estão

produzindo não apenas sua existência, mas formas de estar no mundo e consequentemente, produzem a cidade.

Portanto, o uso de um olhar interdisciplinar, onde as áreas de sociologia, linguagem, segurança de alimentos e educação ambiental avaliadas podem contribuir para um melhor entendimento do contexto social e das relações engendradas no espaço.

2 Metodologia

O projeto de extensão interdisciplinar teve abordagem qualitativa, do tipo descritiva e participante. (JUNKER, 1991). Para a coleta de dados, usamos o método etnográfico (ECKERT; ROCHA, 2013, p.22), que consiste em “descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa”. Também, através da observação *in lócus* uma prática eficaz no processo de descrição e análise dos impactos ambientais de feiras livres, pontuamos alguns problemas que carecem de ações de educação ambiental.

A pesquisa foi dividida em três etapas, na primeira fizemos o levantamento bibliográfico, leituras e discussões sobre as quatro vertentes trabalhadas: sociologia, sociolinguística, manuseio de alimentos e educação ambiental. Além de visitas de observação e identificação de sujeitos participantes. Na segunda etapa, realizamos seis visitas com o objetivo de observar o fluxo, a disposição do espaço, as condições ambientais encontradas, a linguagem e a circulação dos fregueses, bem como as condições de armazenamento, acondicionamento e manipulação dos alimentos. As visitas ocorreram em horários e dias distintos. Essa etapa serviu para levantar variáveis a serem exploradas nas entrevistas e questionários, por isso teve um caráter exploratório maior e contou com diferentes estratégias para coleta de dados. No qual realizamos registro audiovisuais e fizemos contato com 14 feirantes. Escolhemos, a partir da disponibilidade declarada, 4 deles que tiveram suas trajetórias de vida; de sociabilidade com outros feirantes e com o espaço registrados. Ainda nessa etapa, para verificar as condições higiênico-sanitárias da feira realizamos visitas técnicas ao local, utilizando uma lista de verificação com 32 perguntas para analisar a situação do armazenamento, comercialização e higiene das instalações e dos manipuladores. A

terceira etapa destinamos à análise do material coletado e à devolução dos resultados junto ao público pesquisado.

Para uma melhor análise, dividimos a feira livre central em três trechos que formavam um circuito de 370 metros, aproximadamente. Assim, recortamos: Trecho A- Ponte Lívio Tenório à Esquina da Rua Prefeito José Canuto, com 160 metros; B - Rua Prefeito José Canuto até o final da rua que cruza a Rua Praça Barão de Gindaí, com 60 metros; trecho C- Contorno da Praça Barão de Gindaí, com 150 metros.

3 Resultados e Discussão

A feira livre central caracteriza-se por diferentes formas de uso e ocupação do espaço público a depender do dia da semana, ocorrendo uma potencialização do uso do espaço e do aumento do fluxo de pessoas e mercadorias aos sábados, quando há um aumento significativo de feirantes preenchendo toda a extensão da rua. A maneira como as barracas e mercadorias são expostas é determinada pela prefeitura, através do fiscal do mercado. Os feirantes moradores de outras áreas começam a chegar com suas mercadorias às quintas-feiras à noite, ou às sextas-feiras, final da manhã.

O horário de funcionamento, de segunda-feira à quinta-feira, tem início a partir das 6:30h e no sábado, “dia de feira”, às 5:30h e encerra às 16:30h. O local onde cada barraca deve ficar é determinado pelo fiscal da prefeitura, como dito anteriormente, e é cobrada uma taxa semanalmente.

Nas observações, identificamos que cada trecho (A, B, C) possui características específicas para a oferta de produtos, para estratégias de uso do espaço, fato que sinaliza para a maneira como o território assume atributos valorativos diferenciados a depender da localização do feirante. Também há variação na forma como as mercadorias são oferecidas em termos de abordagens e linguagens (arrumação dos alimentos, barracas, entre outros). O trecho A tem um valor simbólico maior que é atribuído por ser a rua principal e de maior fluxo de pessoas. Nele são expostas mercadorias de maneira mais organizada ao longo de toda a via, com destaque para frutas, verduras e produtos eletrônicos. O trecho B apresenta maior venda de roupas. O trecho C mostra maior exposição de carnes (peixes e frangos).

Quando nos propusemos a observar aspectos linguísticos na feira de Barreiros, primeiro começamos por observar os aspectos da linguagem verbal escrita, isto é, as informações que estavam, de uma maneira ou de outra, impressas através de

palavras, tais como placas e letreiros. Contudo, observar apenas esses aspectos seria reduzir a linguagem à mera codificação linguística. Portanto, partimos do ponto de vista que entende a linguagem como fonte de pesquisa histórica e levamos em consideração a ideia de sistemas de signos verbais e não verbais sugerida pela semiótica (PIGNATARI, 2004).

Essas narrativas vão desde a abordagem mais pragmática e restrita do conceito de língua (um sistema de comunicação verbal) que serve para ler os nomes das placas da mercadoria que é comercializada na feira, mas também, e principalmente, compreendem as manifestações sígnicas (vestuário, vocabulário específico, esquemas de colaboração entre os feirantes, disposição das mercadorias nas bancas, organização das frutas e verduras por cores etc.) que circunscrevem o imaginário da feira.

Um dado importante que foi observado é que a disposição das barracas na feira respeita um sistema simbólico que cria o efeito de organização e limpeza, uma vez que na frente ficam as barracas de frutas e verduras, com os alimentos organizados e separados por cores e pela qualidade do produto, e mais atrás da feira ficam os feirantes que comercializam carnes e cujas barracas e ambiente sugerem certa falta de organização e de limpeza. Sendo assim, do ponto de vista dos sistemas de signos não verbais, a disposição e organização das barracas na feira diz muito sobre como os feirantes se organizam na perspectiva de causar boa impressão aos clientes.

Outra experiência feita foi o da escuta da feira. Ao gravar aleatoriamente os sons que compõem a feira, captamos o registro dos feirantes ao dialogar com os clientes na hora da venda, além de captar os *slogans* de vendas. Nesses registros ficaram evidentes as variações linguísticas. Por variação entendemos a utilização da língua que foge à norma culta, isto é, são os usos cotidianos e coloquiais que não necessariamente estão em conformidade com a norma padrão da língua (BAGNO, 2007).

Além disso, os aspectos simbólicos endossam a ideia da riqueza linguística que subjaz ao cenário da feira, onde a disposição das barracas, a qualidade e a cor dos alimentos comunicam e se fazem entender pelos clientes que frequentam o local.

Para análise das condições higiênico-sanitárias foi utilizado uma lista de verificação baseada na Resolução – RDC nº 216, de 15 de setembro de 2004 e na Resolução RDC nº 275, de 21 de outubro de 2002, considerando os quesitos descritos na tabela 1. As opções de respostas para o preenchimento da lista de verificação

foram: Conforme - quando atendeu ao item observado e não Conforme - quando não atende ou atende parcialmente.

Para classificação das barracas da feira livre foram utilizados três intervalos, os quais são empregados pela ANVISA (BRASIL, 2002) na Resolução RDC nº 275/2002. BOM: de 76 a 100% de atendimento dos quesitos; REGULAR: de 51 a 75% de atendimento dos quesitos e RUIM: de 0 a 50% de atendimento dos quesitos.

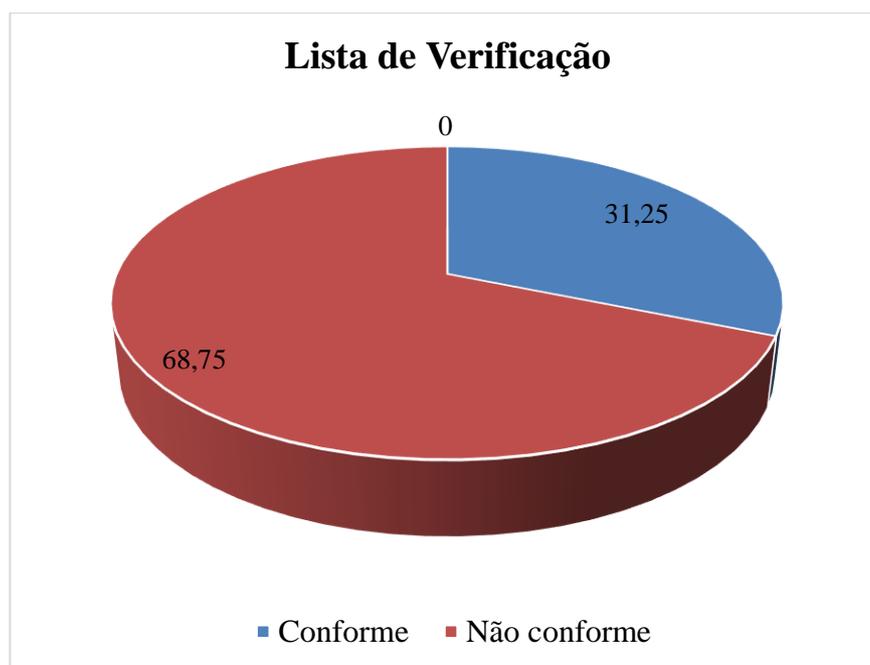
Tabela 1 – Categorias e quantidade de quesitos avaliados na lista de verificação

CATEGORIAS AVALIADAS	Nº DE QUESITOS
1. Instalações	07
2. Hábitos higiênicos e vestuário dos manipuladores	09
3. Água	03
4. Higiene dos alimentos	09
5. Utensílios	04

Fonte: Os autores, 2021.

De acordo com dados obtidos verificou-se que a feira livre apresentou resultado ruim, ou seja, alcançou abaixo de 50% de atendimento a lista de verificação (Figura 1). Apresentando 68,75% em não-conformidade, o correspondente a 22 itens dos 32 avaliados.

Figura 1 – Resultados da lista de verificação da feira livre



Fonte: Os autores, 2021.

Em relação às instalações, foram observadas inadequações como a presença de animais domésticos (cães e gatos) circulando livremente, algumas barracas estarem localizadas próximas a esgoto aberto e ainda, a ausência de local específico e coletores para acúmulo de lixo. O descarte inapropriado do lixo no chão, nas imediações das barracas, favorece a atração de animais, insetos, roedores, além de resultarem em odores desagradáveis e líquidos de decomposição dos alimentos.

As condições de comercialização são precárias considerando o armazenamento de frutas no chão próximo ao lixo, bem como em superfícies de madeira velha, sendo estas superfícies inapropriadas por não serem de fácil higienização. A Resolução – RDC nº 216 da ANVISA (BRASIL, 2004) indica que as superfícies de exposição à venda dos alimentos devem ser lisas, impermeáveis, laváveis e estar isentas de rugosidades, frestas e outras imperfeições que possam comprometer a higienização dos mesmos e serem fontes de contaminação dos alimentos.

Na exposição dos alimentos observou-se que os feirantes separavam adequadamente cada tipo de produto, agrupando – os conforme sua natureza. A maioria das barracas são cobertas com lona, promovendo parcial proteção contra chuvas e raios solares. Entretanto, os alimentos não são protegidos contra poeira e insetos, além do que, as embalagens não são armazenadas em local adequado e alguns feirantes utilizam jornal ou papelão para proteger os alimentos, o que pode promover contaminação. Para Xavier *et al.* (2009) é agravante o fato de jornal ter contato com alimento por este material ser sujo e de grande manipulação. Os produtos hortifrutigranjeiros nas feiras-livres do município de Governador Valadares também não são vendidos em sacos plásticos transparentes apropriados para este fim e as sacolas não são armazenadas em locais adequados de forma a evitar a contaminação microbiana.

Quanto aos hábitos higiênicos e vestuário, foi observado que os feirantes não seguem as boas práticas de manipulação dos alimentos. Os manipuladores (feirantes) não utilizavam roupas adequadas, apresentavam mãos e unhas sujas, barba e cabelos desprotegidos e usavam adornos como anel, brinco e relógio. É comum a mesma pessoa que manipula os alimentos ter contato com dinheiro, além da ausência de local e material disponível para higienização das mãos. Ressaltando ainda a falta de higiene e estrutura do banheiro público, bem como a proximidade com algumas barracas, o que pode favorecer contaminação e desconforto pelo mal cheiro.

Para a manutenção das condições higiênico-sanitárias é crucial a disponibilidade de água potável. Neste aspecto, o abastecimento de água potável na feira livre é feito pela rede pública. Entretanto, o acesso a água em toda a feira é restrito, sendo disponível principalmente nos banheiros. Portanto, essa situação dificulta as práticas de higienização dos alimentos, manipuladores e equipamentos.

Em relação aos produtos de origem animal (carne, frango, peixe, queijo e outros), as condições inadequadas de higiene e a falta de refrigeração durante a comercialização caracterizam uma situação crítica com impactos negativos na qualidade dos produtos, considerando que são alimentos perecíveis. Neste quesito, os feirantes justificaram a ausência de refrigerador ou freezer por falta de estrutura, bem como a impressão de frescor e naturalidade aos produtos, o que favorece velocidade nas vendas e melhor preço. Farias *et al.* (2010) ao avaliar as condições higiênico-sanitárias de alimentos comercializados no mercado municipal e na feira livre do município de Hidrolândia-CE, reportaram situação semelhante e ressaltaram que a comercialização dessa categoria de alimento deve ser realizada sob refrigeração, a fim de conservar as características microbiológicas, sensoriais e nutricionais.

Por fim, os equipamentos e utensílios, assim como as caixas que transportam os alimentos são velhos e sem higienização, inclusive a maioria das balanças apresentam ferrugem. Resultado semelhante foi reportado por Xavier *et al.* (2009) ao verificarem as condições higiênico-sanitárias das feiras-livres do município de Governador Valadares, onde há ausência da higienização dos utensílios e inadequado estado de conservação e armazenamento dos mesmos.

O atual modelo de desenvolvimento, baseado no sistema capitalista, tem gerado sérios problemas ambientais, dentre eles, o crescente descarte de resíduos sólidos. Segundo Loureiro (*apud* GOULART, 2006, p. 285) O Brasil está colocado entre os dez países que mais desperdiçam alimentos. Destaca-se nesse processo a perda de 35% na produção agrícola.

Nesse sentido, em virtude do exposto acima e entre outros problemas ambientais, torna-se imperioso investir em atividades de educação ambiental que tratem a relação sociedade/natureza como um processo histórico/dialógico. Assim, através da observação *in lócus* uma prática eficaz no processo de descrição e análise dos impactos ambientais de feiras livres, pontuamos alguns problemas que carecem de ações de educação ambiental:

- Resíduos descartados de forma inapropriada. Também se verificou a inexistência de recipientes apropriados para a coleta;
- Esgoto a céu aberto;
- Grande quantidade de resíduos de frutas, legumes e carnes, que propiciam a presença de insetos e roedores;
- Baixa qualidade de vida no local pesquisado em virtude da desorganização da feira, da poluição sonora e da sujeira nos banheiros públicos;
- Descarte de frutas e legumes bons para o consumo, mas que não são atrativos para o consumidor do ponto de vista visual.

4 Considerações Finais

Constatamos que ser feirante livre está relacionado ao fato de ter herdado a banca (parentes e cônjuges) ou a circunstâncias emergenciais de sobrevivência. Não se trata de um projeto pessoal idealizado. O uso do espaço da feira obedece a uma estrutura imposta pelo município através de taxas. Embora os feirantes mostrem-se descontentes com a falta de ordenamento e cuidado, as relações de sociabilidades são fortes entre os feirantes e entre feirantes e consumidores antigos, resultando em confiança e vínculos afetivos de amizade e apoio. A feira livre é formada por pessoas de outras regiões vizinhas e atrai consumidores de cidades próximas. Nas observações identificamos que cada trecho apresenta características de oferta de produtos e estratégias diferenciadas de uso do espaço, que sinalizam para a maneira como o território assume atributos valorativos diferenciados. Sobre a linguagem, as narrativas vão desde a abordagem mais pragmática e restrita do conceito de língua (um sistema de comunicação verbal) que serve para ler os nomes das placas da mercadoria que é comercializada na feira, mas também, e principalmente, compreendem as manifestações sígnicas (vestuário, vocabulário específico, esquemas de colaboração entre os feirantes, disposição das mercadorias nas bancas, organização das frutas e verduras por cores, entre outros) que circunscrevem o imaginário simbólico da feira. Em relação ao manuseio e consumo de alimentos, percebe-se que a comercialização de alimentos na feira livre de Barreiros encontra-se precária considerando os fatores higiênico-sanitários, o que pode comprometer a qualidade dos alimentos e a saúde dos consumidores. Portanto, é necessário a

implantação de ações que proporcionem melhorias em relação a manipulação dos alimentos, bem como saúde e conforto nas condições de trabalho. Para isso, é importante investimento na infraestrutura da feira (banheiros, fornecimento de água e outros) e a realização de atividades de capacitação dos feirantes abordando assuntos sobre Boas Práticas de Manipulação dos alimentos. Um rápido levantamento sobre os principais problemas ambientais constatou-se a importância da implementação de ações voltadas a educação ambiental, entre outros destacamos o lixo e esgoto a céu aberto. Por outro lado, ao observá-la não deixamos de entrar em contato com desafios que a falta de infraestrutura necessária ao comércio de alimentos e ao enorme fluxo de pessoas impõe à gestão pública municipal.

Esperamos que através da identificação dos problemas, dos desafios, oportunidades, assim como do conhecimento aqui produzido, possamos sensibilizar ao desenvolvimento de outras ações efetivas e novas pesquisas capazes de proporcionar melhorias à qualidade de vida da população que faz uso do espaço público, seja como feirantes, consumidores ou transeuntes do espaço.

Agradecimentos

Nossos mais profundos agradecimentos a todos os feirantes e frequentadores da feira livre de Barreiros.

Referências

BARBOSA, G. S. **A Usina Central Barreiros e as implicações socioeconômicas no espaço urbano de Barreiros, Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL, Presidência da República. Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a **Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília: DOU, 1999.

BRASIL, Presidência da República. Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 01 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional da Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 216. Dispõe sobre Regulamento Técnico de Boas Práticas para Serviços de Alimentação. Brasília: ANVISA, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional da Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 275. Dispõe sobre o Regulamento Técnico de Procedimentos Operacionais Padronizados aplicados aos Estabelecimentos Produtores/Industrializadores de Alimentos e a Lista de Verificação das Boas Práticas de Fabricação em Estabelecimentos Produtores/Industrializadores de Alimentos. Brasília: ANVISA, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br.htm>. Acesso em: 01 dez. 2017.

CARVALHO, Márcio Rodrigo Coêlho de. Barreiros, cidade afetiva – um estudo sobre as relações afetivas das pessoas com a cidade a partir de escritos memorialistas barreirenses. Recife: O Autor, 2009. 141 f. (Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicações – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3238/1/arquivo2491_1.pdf>. Acesso em: 26/01/2021.

CASCINO, Fabio. **Educação Ambiental**: princípios, história, formação de professores. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano I**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2013.

FARIAS, K. C.; MARTINS, F. F. F.; MARTINS, F. F.; MOREIRA, I. C. M.; JALES, K. A.; ALENCAR, T. C. S. B. D.; SILVA, M. M. G. Avaliação das condições higiênico-sanitárias de alimentos comercializados no mercado municipal e na feira livre do município de Hidrolândia-Ce. *In*: CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 5., 2010, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: IFAL, 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: **A interpretativa das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOULART, R. M. M. **Desperdício de alimentos**: Um problema de saúde pública. Integração ano XIV, nº 54, 2006.

JUNKER, B. Situação do trabalho de campo: papéis sociais para observação. *In*: **A importância do trabalho de campo**: introdução às Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.

PEDRINI, A. G. **Educação Ambiental: Reflexões e Práticas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

PIGNATARI, D. **Semiótica e literatura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SILVA, J. de A.; MELO, E. de A.; LEMOS, S.M. **Condições higiênico-sanitárias dos alimentos comercializados na feira de produtos orgânicos do ceasa**.

Disponível em: <http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt6/gt6_36.pdf>. Acesso em: 21 out 2016.

SEABRA, Giovanni (org.). **Educação Ambiental**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

VEDANA, V. **Fazer a Feira: estudo etnográfico das “artes de feirantes e fregueses da feira livre da Empatur no contexto da paisagem urbano de Porto Alegre**. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

XAVIER, A. Z. P.; VIEIRA, G. D. G.; RODRIGUES, L. O. M.; VALVERDE, L. O.; PEREIRA, V. S. **Condições higiênico-sanitárias das feiras livres do município de Governador Valadares**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Universidade Vale do Rio Doce, Gov. Valadares – MG, 2009. Disponível em:

<<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Condicoes higienicosanitarias das feiras livres do municipio de governador valadares.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Recebido em 29/07/20.

Aprovado em 12/10/20.

Publicado em 22/02/21.